



ICCA

International Conference
on Childhood and Adolescence

Conference Proceedings

7TH INTERNATIONAL CONFERENCE ON
CHILDHOOD AND ADOLESCENCE

ÉVORA & ONLINE
January, 25-27, 2023

Title:

Conference Proceedings - International Conference on Childhood and Adolescence (Org.)

Organisation:

International Conference on Childhood and Adolescence (org.)

eventQualia unipessoal Lda

Secção de Pediatria Social da Sociedade Portuguesa de Pediatria (SPS-SPP)

Sociedade Portuguesa para o Estudo da Criança Abusada e Negligenciada (SpeCan)

Editor:

eventQualia

Type:

Electronic publication

Published:

January, 2024.

ISBN: 978-989-53545-6-6



All the content of this publication, except where identified, is licensed under a Creative Commons Licence.

The written expression and content of the texts is the sole responsibility of the respective authors.

ERA UMA VEZ... PERSPETIVAS DE JOVENS ADULTOS SOBRE A SUA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA EM CONTEXTOS DE MONOPARENTALIDADE

Vanessa Catarina dos Santos Carreira
Universidade de Évora
Rosalina Pisco Costa
Universidade de Évora e CICS.NOVA.UÉvora

Resumo: O presente artigo incide sobre as famílias monoparentais, perspetivadas a partir dos seus descendentes. Procurou-se compreender quais as suas perspetivas sobre as etapas da infância e adolescência vividas em contexto diversificado de monoparentalidade, seja com a mãe numa família monoparental maternocêntrica, seja com o pai numa família monoparental paternocêntrica. Foi desenvolvida uma investigação qualitativa através de um estudo de casos múltiplos. O instrumento de recolha de dados utilizado foi a entrevista semiestruturada e os dados foram explorados recorrendo a uma análise qualitativa de conteúdo. Os resultados obtidos permitem concluir que, na perspetiva dos entrevistados, e não obstante a diversidade de experiências, a infância foi uma etapa “melhor” que a adolescência, pois nesta fase foi quando tomaram consciência de que viviam numa família monoparental, logo, “diferente”, o que lhe trouxe confrontos múltiplos, problemas e desafios.

Palavras-chave: Monoparentalidade; crianças; adolescentes; fases da vida; divórcio.

Introdução

O presente artigo resulta do desenvolvimento de uma dissertação de mestrado em Sociologia na Universidade de Évora com foco nas famílias monoparentais, nomeadamente, os seus descendentes (Carreira, 2023). Neste artigo serão trabalhados principalmente os resultados referentes às perspetivas dos filhos(as) sobre a sua infância e adolescência, etapas pautadas pela entrada na monoparentalidade dos seus progenitores. Assim, e de modo retrospectivo, apresentar-se-ão também as suas próprias experiências e perceções sobre esta configuração familiar enquanto crianças e adolescentes.

Perspetivar as famílias monoparentais sob a lente dos filhos e filhas, dando-lhes voz ativa, é tão importante quanto inovador, pois ainda pouco se sabe sobre os descendentes de agregados familiares monoparentais. Autoras como Bayle e Martinet (2008) relataram que apesar de o estigma social direcionado às famílias monoparentais já não ser tão acentuado como outrora, as crianças que pertencem a esta tipologia familiar assumem usualmente uma diferença perante as restantes crianças que pertencem a famílias nucleares.

Giddens (2013) sublinha o modo como a monoparentalidade ganha hoje novos contornos com a maior entrada de pessoas nesta configuração familiar por via do divórcio. Paulatinamente, a representação social em torno da monoparentalidade afasta-a de uma condição associada somente a contextos desfavorecidos (Giddens 2013; Bradshaw & Nieuwenhuis, 2021). Inclusivamente, e olhando ao contexto português, existe uma maior tendência para que os progenitores solo sejam pessoas com maiores habilitações literárias que no passado (Wall, 2003).

O objetivo geral que orientou o estudo consistia em compreender como é que jovens adultos socializados em contextos diversificados de monoparentalidade descrevem e avaliam

as suas trajetórias de vida, assim como as de seus pais, explorando nessa avaliação elementos facilitadores, obstáculos e estratégias adotadas.

Após esta introdução, o artigo é composto por um breve enquadramento teórico que incide sobre os descendentes de famílias monoparentais, a metodologia onde consta a explicitação das opções metodológicas subjacentes, a análise qualitativa de conteúdo que apresenta os principais resultados sobre as etapas da infância e adolescência dos filhos(as), a discussão de resultados, a conclusão e, por fim, as referências bibliográficas.

Famílias Monoparentais, plural

As famílias monoparentais definem-se pela especificidade de apenas um progenitor, mãe ou pai, residir com o(a)(s) filho(a)(s) dependente(s). Esta configuração familiar não é única nem simples; assume uma heterogeneidade de viver a monoparentalidade que envolve a maior ou menor ausência de um dos progenitores na vida dos filhos(as), regimes de guarda compartilhada variáveis, e também formas diferentes de entrada nesta condição (Marinho, 2014). Em concreto, as vias de entrada na monoparentalidade contemplam a viuvez, procriação fora do casamento, separação e divórcio (Saraceno, 1997). Para além destas é também possível falar de abandono, violação e maternidade ou paternidade a solo por opção, recorrendo, designadamente, à reprodução medicamente assistida, a situações de “barriga de aluguer” ou ainda à adoção.

A pluralidade de formas de entrada na monoparentalidade remete desde logo para a pluralidade de experiências de viver a monoparentalidade pelos seus vários protagonistas – adultos e crianças, pais e filhos –, as quais variam em função do tempo, espaço e cultura. Usualmente perspectivadas a partir da distinção entre famílias maternocêntricas e paternocêntricas, este trabalho desvia o centro da atenção dos progenitores para os descendentes, isto é, para os filhos e filhas socializados em contextos de monoparentalidade.

Filhos(as) Socializados(as) em Contextos de Monoparentalidade

Os estudos sobre os filhos(as) socializados em contextos de monoparentalidade são ainda escassos e os poucos que existem tendem a focar-se em aspetos menos positivos dessa experiência. A título de exemplo, observa-se, segundo Correia (2010), Przbysz & Silva (2010), Costa & Marra (2013) e Tachibana & Resende (2020), que estes filhos(as) tendem a adquirir uma autonomia precoce, o que pode levar a alguns problemas como uma confusão de papéis dentro do agregado familiar, entrada no mercado de trabalho precoce, insucesso ou abandono escolar e consequente reprodução da condição de vulnerabilidade e pobreza. Por sua vez, Correia (2010) aponta que frequentemente os irmãos mais velhos, especialmente as irmãs mais velhas, tendem a ajudar o progenitor presente a cuidar dos irmãos mais novos e do lar. Desta forma, estes filhos(as) colocam-se no papel do progenitor ausente, substituindo-o de certa forma (Almeida, 2014). Santos (2018) demonstrou que descendentes de agregados

familiares monoparentais sentiam tristeza, revolta, rejeição, frustração, entre outros sentimentos menos positivos, como sentirem culpa pela rutura do relacionamento dos pais. Por outro lado, sentiam orgulho pelos progenitores presentes que os conseguiram criar sozinhos.

Contrariamente a uma certa representação social, Malpique (1990) sublinha como até ao século XX era comum que muitas crianças não tivessem o pai presente. Centrada sobre “a ausência do pai”, esta autora refere que esta ausência pode levar a consequências adversas para as crianças e restantes familiares. Entre outras, o filho do mesmo sexo do progenitor ausente parece tender a sentir uma maior dificuldade em construir a sua identidade (Almeida, 2014). Não obstante, outras investigações sublinham que estes filhos(as) tendem a criar relações afetivas mais fortes com os progenitores presentes (Gomes, 2016).

Quando ocorrem divórcios ou separações as crianças ficam por vezes colocadas no centro da disputa conjugal. Se os pais não conseguirem pensar nas crianças e no seu bem-estar em primeiro lugar, esta atitude pode também gerar consequências adversas (Denardi e Bottoli, 2017). Neste sentido, Correia (2002) aponta que estas crianças e adolescentes apresentam menor autoestima, mais sintomas de ansiedade e solidão, mais humor depressivo e ainda a existência de pensamentos de suicídio. Por sua vez, Alvarenga (2010) equaciona que tendem a ser marcadas por trajetórias de insucesso escolar.

No que respeita ao estigma social, para os filhos este sentimento parece não estar tão presente, dando antes lugar a um sentimento de diferença perante as restantes crianças que pertencem a famílias nucleares.

Acompanhando as mudanças ao nível dos papéis de género, crianças cujos pais se divorciam parecem ser apropriadas por alguns homens (pais) na construção de uma masculinidade mais afetiva, contribuindo deste modo para a formação de “novas masculinidades” (Wall, Aboim & Cunha, 2010).

Dias especialmente assinalados e ritualizados como o “Dia do Pai” ou “Dia da Mãe” podem ser constrangedores para crianças que vivem em contexto de monoparentalidade (Woortmann & Woortmann, 2004) e há quem recomende que o contacto com histórias de super-heróis pode ser positivo na medida em que podem funcionar como modelos a seguir ou figuras inspiradoras, uma vez que uma percentagem considerável destes são descendentes de agregados familiares monoparentais (Weschenfelder, Yunes, Fradkin, 2020).

Na designada geração Y, “ter pais separados deixou de ser exceção” e ter “irmãos de pais diferentes” passou a ser mais frequente (Engelmann, 2007 & Oliveira, 2009 apud Drumond et al, 2020, p. 3). Esta parece ser a primeira geração em que as famílias monoparentais já são reconhecidas como família e aceites enquanto tal, sendo que à sua maior visibilidade social parece corresponder uma menor estigmatização social (Drumond et al, 2020).

Metodologia

Esta investigação teve por base um estudo qualitativo por casos múltiplos. A população alvo incidu sobre jovens adultos socializados em contextos de monoparentalidade, isto é, que tenham vivido por um período de tempo variável nesta condição, durante a infância ou adolescência. Adicionalmente, e pelas razões apontadas anteriormente, também se pretendia que estes jovens adultos fizessem parte da designada geração Y.

Inicialmente, a amostra foi constituída acionando as redes de contacto (capital social) da investigadora e, posteriormente, recorrendo ao recrutamento em bola de neve (snowball). Sendo que se pretendia uma diversificação de perfis, optou-se por uma amostra por contraste-saturação, como recomendado por Guerra (2006).

O instrumento de recolha de dados privilegiado foi a entrevista semiestruturada, a qual permitiu recolher dados em profundidade sobre o tema em estudo. Após a aplicação das entrevistas, os dados foram tratados com auxílio do software NVivo tendo em vista uma análise qualitativa de conteúdo, do tipo temática e categorial (Sousa & Santos, 2020).

Em todas as etapas da investigação foram acauteladas as questões éticas tal qual prescrito no Código Deontológico da Associação Portuguesa de Sociologia (1992), designadamente, o anonimato dos participantes em estudo, o qual foi garantido com a anonimização das entrevistas e o pedido da escolha de um pseudónimo para identificação ao longo do estudo. Um dos principais desafios que se encontrou durante o trabalho de campo foi o recrutamento de homens. Da experiência da investigadora principal resulta que por razões não suficientemente conhecidas, para os homens parece ser (mais) difícil partilhar a sua experiência de socialização em contexto de monoparentalidade.

No conjunto obteve-se uma amostra composta por 13 entrevistados, nove mulheres e quatro homens, com idades compreendidas entre os 20 e os 43 anos de idade, provenientes de diferentes regiões do país. Dois entrevistados são provenientes de outros países que não Portugal. A nível de habilitações literárias, oito têm o 12.º ano de escolaridade, sendo que cinco destes estavam a frequentar licenciaturas à data da entrevista, 2 licenciados, 2 mestres e 1 doutorado. O acontecimento que os fez entrar numa família monoparental variou entre o divórcio dos pais, com 7 entrevistados e falecimento de um dos progenitores, com 5. Num dos casos, a mãe da entrevistada foi mãe solo, isto é, à margem de uma relação conjugal. De modo transversal, predominaram as situações de entrevistados socializados em contexto de famílias monoparentais maternocêntricas, isto é, com a mãe, num total de nove; em famílias monoparentais paternocêntricas, ou seja, a viver com o pai ficaram três, e uma entrevistada foi socializada em regime de guarda partilhada. O acontecimento que suscitou a entrada numa família monoparental aconteceu em oito casos durante a infância e em três na adolescência. Uma entrevistada viveu essa situação na transição da infância para a adolescência e uma outra viveu desde sempre apenas com a mãe. Mediante autorização prévia as entrevistas foram gravadas digitalmente e tiveram uma duração média de 52 minutos.

Análise Qualitativa de Conteúdo

Nesta seção analisam-se em pormenor etapas específicas das trajetórias de vida dos entrevistados(as), nomeadamente da infância e adolescência. Aos entrevistados era pedido que descrevessem estas etapas e que as detalhassem em termos de elementos facilitadores, obstáculos e estratégias adotadas. Por fim, era pedido que sobre elas fizessem uma avaliação global.

Infância

A infância tende a reunir descrições e avaliações mais positivas por parte dos entrevistados, com narrativas alegres e até certo ponto romantizadas. Mesmo para quem o acontecimento de entrada na monoparentalidade se deu nesta etapa da vida, esta continua a ser avaliada como positiva, mencionando que o que foi mais difícil foram os momentos em que se deu a separação dos pais ou o processo de luto de um dos progenitores. Assim, esta etapa foi adjetivada como “ótima infância”, “infância boa”, “infância feliz”, “avaliação muito boa”. O seguinte excerto é ilustrativo desta etapa avaliada genericamente como “boa”:

Ah a minha infância sempre foi a fazer asneiras, não é, [risos] a partir tudo, pronto. Eu tinha para aí 11 anos quando os meus pais se divorciaram, portanto ali foi numa fase de pré-adolescência e foi assim uma fase complicada porque a fase do armário é uma fase complicada para as meninas e pronto foi muito difícil eu fazia muitas birras e asneiras, mas foi uma situação, uma boa, eu digo que tive uma boa infância (Paula, 2022).

A nível de elementos facilitadores, destacaram-se essencialmente pessoas da família (rede familiar), sendo esta rede composta por avós, mães, tios(as), padrinhos, primos(as), entre outras figuras. De notar que para aqueles que sentiam a ausência do pai, figuras como tios, padrinhos e avós substituíram muitas vezes esta figura paterna. De seguida são referidos amigos, elementos da rede formal, como a ama no caso da Alexandra e, ainda, figuras inspiradoras como Hannah Montana para a Delfina. No caso do Miguel, também o contacto com os animais foi identificado como um elemento facilitador.

No que respeita aos obstáculos, estes para a maioria não existiram e para os restantes não foram sentidos conscientemente nesta etapa. Só agora, adultos, conseguem perceber que efetivamente existiram obstáculos e que tiveram importância nas suas vidas. Tais obstáculos prendiam-se primordialmente com a ausência do pai e dificuldades económicas. Como refere Miguel,

Não eu até achava que podia fazer tudo, na altura. O que eu achei agora pensado para trás é por exemplo, naqueles foi dois anos ou três, naqueles anos em que não tinha uma figura masculina em casa eu tinha lá trabalhadores e havia lá um, havia lá dois que já os conhecia há muitos anos que já trabalhavam para os meus avós há muito tempo em que eu notei que agora penso para trás, que me colava um bocado a eles a ver o que eles faziam, quase como tentativa para ver se havia ali alguma figura que faltava presente (Miguel, 2022).

Quanto às estratégias, de referir que muitos entrevistados tinham uma rede de apoio informal que lhes servia de suporte e os protegeu de certa forma das consequências mais adversas que o acontecimento de monoparentalidade lhes poderia provocar. Enquanto Delfina não falava sobre o facto de o pai estar ausente; já a Luísa acha que se tornou mais independente das outras pessoas após o divórcio dos pais, passando a não se “apegar” tanto às

peessoas. A Mafalda desde sempre tentou ser ativa para não pensar nos assuntos que a magoavam; enquanto o Pedro mergulhava no mundo virtual.

Adolescência

Nesta etapa da vida as descrições e avaliações por parte dos entrevistados já não são tão positivas quanto na infância, denotando-se uma maior carga negativa nas narrativas apresentadas. A análise dos dados permite concluir que foi nesta etapa que os entrevistados tomaram verdadeiramente consciência que viviam numa família monoparental, donde advieram alguns problemas e desafios. Deste modo, e ao mesmo tempo que experienciavam a adolescência, o seu quotidiano tornou-se mais complexo. Nas descrições que fizeram, destacam-se expressões como: “adolescência normal”, “adolescência tranquila”, “adolescência difícil”, “adolescência desafiante”, “adolescência feliz”, “avaliação boa”, “turbulenta”. As palavras de Delfina são particularmente elucidativas a este propósito:

Adolescência, já foi mais, sim desde os treze aos dezassete para aí, pronto comecei a sentir mais que o meu pai não estava e foi mais difícil de levar, aí sim já comecei aos dezassete, não por isso, mas determinou falando nisso começou porque eu queria ir à psicóloga e pronto tive que trabalhar para saber e ver que isso é uma coisa da minha vida (Delfina, 2022).

No que respeita aos elementos facilitadores, destaque também nesta etapa para a rede familiar, seguida da rede amical, rede escolar e determinados estilos de vida ou “formas de viver”, como para a Paula, que vivia “de acordo com o estabelecimento de objetivos”. De modo transversal, a família continua a ser importante nesta fase, mas o grupo de pares ganha nova e pronunciada importância.

A nível de obstáculos, observa-se desde logo que surgem em maior número que os identificados na fase da infância. Alguns entrevistados referem que mesmo não os sentindo diretamente, a questão da monoparentalidade estava sempre presente e gerou alguns constrangimentos. Sónia admite que foi diferente não ter tido a mãe consigo e que tiveram que se “fazer homens e mulheres ainda pequenos”. Outros entrevistados apontaram como obstáculos a maior problematização, interrogações constantes, questionamento sobre a ausência do pai ou da mãe, sentimentos mais profundos e intensos, entre outros não tão diretamente ligados com a questão de viverem numa família monoparental. No conjunto, o volume de obstáculos tendeu a aumentar comparativamente à infância. O excerto que se segue é elucidativo quanto a essa fase de problematização da condição de “diferença” que a determinada altura também a Margarida enfrentou:

Não, aí já talvez me pudessem surgir algumas questões especialmente porque a minha mãe me dizia muitas vezes quando eu era assim um bocadinho mais mal-educada com ela, que ela às vezes dizia qualquer coisa do género: “ah faltava era aqui o teu pai, ver se calhar se paravas aí com algumas atitudes [imita a mãe]”. [risos] Aí se calhar comecei a pensar talvez não numa questão de ficar triste com o assunto, mas de ficar a equacionar como seria como é que não seria, para a minha mãe estar a dizer isto é diferente teres uma figura paterna, não é, nem que seja por não sei, mas é diferente e aí talvez tenha sido um obstáculo porque pensava muito no assunto como é que seria, também por ela me dizer aquilo então eu pensava sempre como é que seria. Também não há forma de saber agora. Mas pronto acho que era por aí (Margarida, 2022).

Por fim, quanto às estratégias, os entrevistados evidenciam uma preocupação por serem adolescentes ocupados, marcando encontros, focados em escrever, ler, recorrendo nalguns casos a serviços de psicologia, como no caso da Delfina, exercer voluntariado, trabalhar, como a Mafalda, jogar, ver séries e fazer desporto, como equitação, entre outras atividades. Os exemplos dados parecem remeter para a opção deliberada por serem pessoas ativas de modo a não pensar em assuntos que os magoavam e assim colmatar a diferença que sentiam relativamente aos demais pelo facto de viverem numa família monoparental.

Discussão de Resultados

De modo transversal, os discursos e avaliações que jovens adultos socializados em contexto de monoparentalidade fazem sobre as suas trajetórias de vida tendem a ser mais positivos durante a infância. De facto, foi na adolescência que tomaram verdadeiramente consciência de que viviam numa família monoparental, donde adveio uma maior complexidade para os seus quotidianos, trazendo obstáculos como problematizações e interrogações em torno da ausência do pai ou da mãe, nesta fase sentida de modo mais agudo. Se durante a infância, para a maioria dos entrevistados, não existiam quaisquer obstáculos, é agora, enquanto adultos, que conseguem perceber que efetivamente esses obstáculos existiram e tiveram impacto direto nas suas vidas. A nível de elementos facilitadores, estes convergem essencialmente para as redes de apoio de cariz informal, tanto durante a infância, como na adolescência, com destaque para a rede familiar. A rede amical ganha importância acrescida na adolescência, enquanto a rede formal parece pouco acionada pelas famílias destes entrevistados(as). Estes elementos facilitadores não se esgotam em pessoas próximas que auxiliam no quotidiano; incluem figuras inspiradoras da ficção e cultura popular e também animais, durante a infância, e determinados estilos de vida ou “formas de viver a vida” na fase da adolescência. No que respeita às estratégias, destaque para a fase da adolescência, em que os resultados obtidos parecem indicar que os jovens tentavam estar sempre ocupados, designadamente com atividades lúdicas e outras, de modo a não pensar num assunto sensível e assim colmatar a diferença que sentiam relativamente aos demais pelo facto de viverem numa família monoparental.

Conclusão

Este trabalho resulta de uma investigação mais ampla desenvolvida com o propósito de compreender o papel da experiência diversificada de socialização, em contexto de monoparentalidade, na narrativa que jovens adultos constroem sobre as suas trajetórias familiares e de vida. Os dados recolhidos vêm demonstrar como a monoparentalidade pode ser vivida de diferentes formas e como esta é influenciada pelos contextos diversificados em que os seus protagonistas se inserem e, por sua vez, influenciam o trajeto de vida de quem a vivencia.

A pergunta de partida que orientou a investigação equacionava o modo como jovens adultos socializados em contextos diversificados de monoparentalidade descrevem, avaliam e canalizam para a construção de si, as suas trajetórias familiares. Nas perspetivas dos entrevistados(as), os trajetos de vida marcados pela monoparentalidade oscilam entre momentos vividos com sentimentos ambivalentes, de ora felicidade, ora tristeza; os progenitores presentes apresentam trajetos tendencialmente mais complexos e os progenitores ausentes mais individualistas; os trajetos de vida dos entrevistados(as) são tendencialmente descritos por estes como felizes durante a infância, embora havendo tristeza quando ocorrem os eventos que provocam a monoparentalidade, complexidade na adolescência e na transição para a idade adulta e numa posição mais favorável do que no passado à data das entrevistas. Nas suas palavras, o acontecimento que os fez entrar na monoparentalidade influenciou e marcou de forma significativa os seus trajetos de vida, traduzindo-se esta influência em crescimento precoce, mudanças no estilo de vida, em escolhas de vida e formas de viver e pensar. Desta forma, estes descendentes de famílias monoparentais podem ser designados de herdeiros, conceito de P. Bourdieu, no sentido em que herdaram um conjunto de experiências resultantes de terem vivido nesta tipologia de família, herança esta que faz dos filhos(as) da monoparentalidade pessoas diferentes de quem os rodeia, que é originário de outras configurações familiares.

Referências Bibliográficas

- Almeida, I. I. J. (2014). Configuração familiar, perceção de funcionamento familiar e autoconceito adolescente – Estudo exploratório sobre a perceção de funcionamento familiar autoconceito do filho adolescente em famílias nucleares intactas, monoparentais, reconstituídas e alargadas (Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto Superior Miguel Torga). Disponível em: <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/583>
- Alvarenga, M. L. (2010). *Guarda dos filhos: Uma questão pré-determinada as mães, a quem cabe esse papel?* (Monografia em Terapia da Família, Universidade Candido Mendes). Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/c205214.pdf
- Associação Portuguesa de Sociologia (APS). (1992). *Código Deontológico*. Disponível em: <https://aps.pt/pt/codigo-deontologico/>
- Bayle, F. & Martinet, S. (2008). *Perturbações da parentalidade*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Bradshaw, J. & Nieuwenhuis, R. (2021). Poverty and the family in Europe. *Research Handbook on the Sociology of the family*, pp. 400-416. Disponível em: <https://www.elgaronline.com/view/edcoll/9781788975537/9781788975537.00038.xml>
- Carreira, V.C.S. (2023). Pais sós, filhos sós? Um olhar sociológico sobre as perspetivas de jovens adultos socializados em contextos de monoparentalidade. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Évora: Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/34841>
- Correia, I. M. (2002). Famílias monoparentais – Uma família, um caso. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, v. 18, n. 4, pp. 241-249. Disponível em: <https://doi.org/10.32385/rpmgf.v18i4.9884>
- Correia, S. V. (2010). A articulação família-trabalho em famílias monoparentais masculinas. *A vida familiar no masculino – negociando velhas e novas masculinidades*, pp. 129-156. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Costa, F. A. O. & Marra, M. M. (2013). Famílias brasileiras chefiadas por mulheres pobres e monoparentalidade feminina: risco e proteção. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 21, n. 1, pp. 141-156. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/322>
- Denardi, A. T. & Bottoli, C. (2017). E quando não é a mãe? A paternidade diante da monoparentalidade. *Barbarói*, n. 49, pp. 120-146. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.5305>

- Drumond, T. D. R., Ituassu, C. T., Silva W. V. & Lavinias, M. R. (2020). Geração Y ou gerações Y? Concordâncias e controvérsias na literatura científica nacional sobre quem são esses profissionais. XLIV Encontro da ANPAD. Disponível em: http://www.anpad.org.br/abrir_pdf.php?e=MjkwOTM=
- Giddens, A. (2013). *Sociologia* (9ª ed). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gomes, R. S. (2016). *O uso das redes sociais nas famílias monoparentais femininas – Controlo, privacidade e interações geracionais* (Dissertação de Mestrado em Serviço Social, Universidade Católica Portuguesa). Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.14/20850>
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo – Sentidos e formas de uso*. Estoril: Princípia.
- Malpique, C. (1990). *A ausência do pai*. Porto: Edições Afrontamento.
- Marinho, S. (2014a). Famílias monoparentais: linhas de continuidade e de mudança. *Famílias nos censos 2011 – Diversidade e mudança*, pp. 177-195. Lisboa: INE e ICS. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/11261/1/ICS_SMarinho_Familias_CLN.pdf
- Przbylski, J. & Silva, J. (2010). Articulando os espaços privado e público: gênero e famílias monoparentais femininas. *Revista de Psicologia da UNESP*, v. 9, n. 2, pp. 30-42. Disponível em: [file:///C:/Users/Vanessa/Downloads/496-Texto%20do%20artigo-1534-1-10-20170919%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Vanessa/Downloads/496-Texto%20do%20artigo-1534-1-10-20170919%20(2).pdf)
- Tachibana, M. & Rezende, G. G. (2020). Como é ser pai numa família monoparental masculina?. *Pensando Famílias*, v. 24, n. 2, pp. 90-105. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000200008
- Santos, K. S. (2018). Família monoparental feminina: a percepção dos filhos de mães solteiras na contemporaneidade (Monografia para Bacharelado em Psicologia, Faculdade de Educação e Meio Ambiente). Disponível em: <http://repositorio.faeima.edu.br:8000/jspui/handle/123456789/2334>
- Saraceno, C. (1997). *Sociologia da família*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Sousa, J. R. & Santos, S. C. M. (2020). Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. *Pesquisa e Debate em Educação*, v. 10, n. 2, pp. 1396-1416. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>
- Wall, K. (2003). Famílias monoparentais. *Repositório ISCTE – IUL*, pp. 51-66. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/292>
- Wall, K., Aboim S. & Cunha, V. (2010) Negociando velhas e novas masculinidades. *A vida familiar no masculino – negociando velhas e novas masculinidades*, pp. 457-471. Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Weschenfelder, G. V., Yunes, M. A. M., & Fradkin, C. (2020). Super-heróis na fase pré-capa/pré-máscara: inspiração para intervenções psicoeducacionais positivas. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 15, n. 1, pp. 1-12. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/3728
- Woortmann, K. & Woortmann, E. (2004). Monoparentalidade e chefia feminina. Conceitos, contextos e circunstâncias. *Série Antropologia*. Disponível em: <http://dan.unb.br/images/doc/Serie357empdf.pdf>